

Melhorias na saúde ameaçadas por variações e mudanças climáticas na África Subsaariana

A África Subsaariana tem realizado progressos notáveis na área da saúde pública. A mortalidade infantil, as taxas de atraso de crescimento e a incidência de doenças como a malária e a meningite estão a diminuir. Mas estas melhorias poderão vir a ser perdidas, uma vez que as mudanças climáticas e meteorológicas potenciam surtos de doenças e insegurança alimentar.

Com as mudanças climáticas, é provável que os desafios mais fatais para a saúde em África persistam — e até piorem.



Ao longo das próximas décadas, os locais mais atingidos pela malária provavelmente passarão da África Ocidental para a África Central e depois para a África Oriental, com o risco da doença a tornar-se sazonal em algumas zonas e endémica noutra. Em 2050, estima-se que mais 45-65 milhões de pessoas estejam em risco só na África Oriental.



É provável que as temperaturas mais elevadas reduzam os cultivos e o teor de micronutrientes de cereais essenciais, colocando mais 10 milhões de crianças abaixo dos 5 anos em risco de atraso de crescimento até 2050.



Sendo já uma das principais causas de mortalidade em crianças com menos de 5 anos, estima-se que o risco de doenças diarreicas aumente 22% até 2100, devido às temperaturas mais elevadas. Um aumento de 1 °C num dia por semana aumenta em 1-6% a incidência nessa mesma semana.

É provável que outras preocupações de saúde se agravem, aumentando bastante os encargos com as doenças, principalmente em países cujos sistemas de saúde já enfrentam grandes desafios em termos de capacidade.



Associada à forte precipitação e às inundações, a incidência da Febre do Vale do Rift poderá aumentar, devastando gado e aumentando a insegurança alimentar.



Sendo uma doença urbana, prevê-se que a febre de Dengue aumente devido ao aquecimento e à humidade, colocando até 56% da população mundial em risco até 2050. É provável que África, o continente com a mais rápida urbanização do mundo, assista a um drástico aumento da incidência da doença.



É provável que mais 10% do território do continente se torne árido, o que poderá aumentar a propagação da bactéria que causa a meningite meningocócica — associada a ventos secos e tempestades de poeira.



Temperaturas mais elevadas criarão um novo habitat para caracóis que transmitem esquistossomose, prevendo-se um aumento de 20% de casos até 2050.



Recentemente reconhecido como uma enorme ameaça em África, prevê-se que o stress térmico aumente a mortalidade, especialmente em idosos e crianças.

Mudanças climáticas e meteorológicas previstas até 2050



Aumento das temperaturas, de 2°C a 6°C



Precipitação mas variável, com declínios em África Austral e partes do Corno de África



Fenómenos mais extremos, incluindo ciclos de secas e cheias, e ciclones mais frequentes e intensos



Aumento médio do nível do mar de 25 cm



Aumento da evaporação de água de superfície e da humidade do solo e das plantas

O QUE PODEMOS FAZER

Investir em informação de apoio à tomada de decisão

- Identificar e mapear zonas com maior risco de sofrer consequências nocivas para a saúde, de modo a apoiar o planeamento, considerando prazos apropriados
- Intensificar a investigação sobre doenças associadas ao clima e consequências para a saúde

Fortalecer a resposta dos sistemas de saúde

- Garantir que são usadas informações pertinentes para priorizar os recursos sanitários
- Construir conhecimento e competências técnicas para ajudar os especialistas do setor da saúde a enfrentar impactos na saúde causados pelas mudanças climáticas

Gerir riscos

- Reforçar os instrumentos de vigilância/alerta precoce para informar as equipas de emergência, p. ex., uso de dados meteorológicos por satélite para modelos de previsão da atividade vetorial e de surtos de doenças
- Reforçar a prontidão e gestão em situações de emergência